

Evento: XXI Jornada de Extensão

ODS: 3 - Saúde e Bem-estar

OS CONTOS COMO FERRAMENTA TERAPÊUTICA E SEUS EFEITOS NA CONSTITUIÇÃO PSÍQUICA DA CRIANÇA¹

THE TALES AS A THERAPEUTIC TOOL AND ITS EFFECTS ON PSYCHIC CONSTITUTION OF CHILDREN

**Laura Souza Malaquias², Morgana Luiza Finger³, Isabela Didomênico Pellenz⁴, Simoni
Antunes Fernandes⁵, Taís Cervi⁶**

¹ Resumo Expandido desenvolvido durante o Estágio Básico I, do Curso de Psicologia da Unijui

² Acadêmica do Curso de Graduação em Psicologia da Unijui

³ Acadêmica do Curso de Graduação em Psicologia da Unijui

⁴ Acadêmica do Curso de Graduação em Psicologia da Unijui

⁵ Professora Mestre do Curso de Graduação em Psicologia da Unijui

⁶ Professora Mestre do Curso de Graduação em Psicologia da Unijui

INTRODUÇÃO

Sob perspectiva psicanalítica, o presente estudo tem como objetivo evidenciar o valor dos contos no processo terapêutico infantil, considerando também seus efeitos na constituição do pequeno sujeito.

Eleitos como grandes aliados do âmbito terapêutico, os contos permitem um contato maior com a criança na medida em que desempenham função mediadora de seus afetos e conflitos, dando lugar a fantasia.

Expandindo a visão para além de um simples entretenimento, os contos trazem em seu enredo elementos que tocam na essência de qualquer ser humano, ao passo que produzem “um acervo comum de histórias através das quais a humanidade reconhece a si mesma” (CERVI, 2006, p. 34).

METODOLOGIA

Esta escrita foi provocada e desenvolvida a partir do Projeto Oficina Terapêutica de Contos, do Estágio Básico I e II do Curso de Psicologia da UNIJUI, o qual tem por objetivo desenvolver atividades que ampliem o conhecimento acerca da utilização dos contos como ferramenta terapêutica. Nesse sentido, o projeto permite à criança entrar em contato com sentimentos e fantasias através da projeção e da construção de uma narrativa própria a partir de conteúdos abordados nas histórias.

A pesquisa foi realizada de forma bibliográfica através da coleta de dados de materiais indicados pelas professoras/supervisoras do estágio.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Evento: XXI Jornada de Extensão

ODS: 3 - Saúde e Bem-estar

Na concepção de um fazer acadêmico, no tocante ao âmbito da psicologia, um grande desafio é posto ao aluno no momento em que questionamentos acerca de como conduzir um trabalho terapêutico com uma criança, surgem, considerando que dificilmente se trabalhará com a criança a partir de uma demanda na forma verbal como a do adulto. É na tentativa de responder a esta implicante questão, que o brincar e as narrativas, em especial os contos, podem lançar luz ao que antes estava sem direção.

Por não possuir um domínio de palavras que a expresse, a criança traz seus afetos, angústias, sofrimentos, etc. por meio de representações. Tais representações são possíveis frente às narrativas, as quais entram em cena traduzindo por meio da fantasia os medos, desejos e angústia do sujeito, dando forma ao que se encontrava confuso ao sujeito. Segundo Corso e Corso (2006, p. 179):
Muitas vezes o que sentimos é indefinido, é uma angústia, um sofrimento difuso. Uma história pode nos emprestar um sentido que a princípio não é nosso, mas dá um contorno ao nosso sofrimento. Nesse caso, não seria uma verdade do sujeito que se elabora através da trama ficcional, mas por um tempo funcionaria como se fosse. Ou seja, um conto de fada pode nos emprestar um sentido, sem que haja uma correspondência com um problema real.

A fantasia por sua vez, entra como peça chave do processo, na medida em que é criada frente ao desejo e a necessidade de dominar as angústias. Nas palavras de Corso e Corso "a paixão pela fantasia começa muito cedo, não existe infância sem ela, e a fantasia se alimenta da ficção, portanto não existe infância sem ficção." (2006, p.21). Ficção essa que permite ao sujeito, na fase adulta ou infantil, algo que se encontra fora de sua realidade. Logo a fantasia despertada frente a realidade é encarada como uma forma de escape, ou seja, não se pode viver sem fantasiar. Assim, ela pode proporcionar o mais perto que se pode chegar da realização de um desejo, servindo como suporte da vida real. (CERVI, 2006 p. 39).

Nesse sentido, a narrativa intitulada “As Crônicas de Nárnia” do autor Clive Staples Lewis, traz claramente a questão fantasiosa, ao passo que apresenta em seu enredo o universo mágico de C. S. Lewis e a vivência de quatro irmãos refugiados da guerra. No decorrer da história um armário é encontrado em um dos quartos da grande casa, onde Susan, Lucia, Edmund e Peter foram abrigados. O armário fica conhecido como portal para um mundo mágico, onde criaturas estranhas e extraordinárias habitam e uma guerra está para começar a fim de banir as forças malignas.

Ao retornar a discussão, entende-se que o armário representa o escape da vida real, ou seja, a fantasia que permite ao sujeito assumir o papel de protagonista da sua história, atuando frente aos seus desejos. Esse é o caso de Edmund (irmão do meio) que é encarado como um sujeito mesquinho, que nutre sentimentos ruins pelo irmão mais velho frente a sua autoridade e sofre com os efeitos do rumo que sua vida tomou, desejando assim, ser o próprio rei e punir o mais velho pela sua constante soberba frente a condição que o novo mundo o permite (CORSO e CORSO, 2011, p. 300).

Seguindo as palavras de Corso e Corso “o mundo da fantasia que oferecemos às crianças pode ser tecido com os mesmos fios da realidade em que vivem os adultos que a criaram.” (2011, p. 298). Ou seja, considera-se aqui tanto a criança que desfruta da história, quanto o escritor que dá origem a mesma, costurando uma possível relação entre as duas figuras.

Freud em seu texto “Escritores criativos e Devaneios” traz uma questão implicante a discussão, na medida em que discorre sobre o escritor criativo e suas diferenças da grande massa de seres humanos.

Evento: XXI Jornada de Extensão

ODS: 3 - Saúde e Bem-estar

Os escritores assumem uma diferença ao passo que conseguem, de alguma maneira, colocar no papel suas ideias, pensamentos, criações e fundamentalmente seus devaneios em forma de histórias que capturam o leitor, permitindo-o um desligamento por alguns instantes de sua realidade, passando a se deter na fantasia (identificação com os personagens e seus desdobramentos). O devaneio por sua vez é um sonho acordado, sonho o qual sempre porta algo de nosso desejo, por tanto, é considerável a hipótese de que elementos que são “pegos emprestado pela criança” provém da essência do próprio escritor e talvez por isso, desperta no leitor emoções que talvez não se julgasse capaz.

Ressaltando a importância dos contos na vida da criança, entende-se que eles vão para além de um simples entretenimento no momento em que livre para explorar seu enredo, o leitor, nesse caso a criança, toma emprestado pedaços de ficção para construir-se. Nessa ideia, segundo as palavras de Corso e Corso (2006, p.180):

Um sujeito é balizado pelo desejo dos pais, valores do meio onde nasceu, pelo espírito de uma época. Não existe um sujeito anterior a priori, ele se forma tomando emprestado de fora material para se construir. Não existe um ego pré-desenvolvimento como se fosse uma semente da verdade do que vai ser o sujeito adulto.

Ou seja, não é por acaso que os contos assumem um papel importante no desenvolvimento e construção dos pequenos, pois através dos desdobramentos de suas histórias, diferentes elaborações são feitas e efeitos podem vir a ser provocados. Nesse sentido, não cabe a ninguém determinar o que a criança deve ou não escutar, ou melhor, restringi-la a uma dada narrativa, visto que é inútil esperar que uma história assuma o mesmo efeito para todos os sujeitos. Nesse sentido, cabe unicamente a própria criança “determinar e revelar pela força com que rege emocionalmente aquilo que um conto evoca para si, tanto no nível consciente como inconsciente.” (CERVI, 2006, p.39).

Com isso, é possível reconhecer que as narrativas, em suas diferentes elaborações e efeitos, têm a capacidade de estabelecer relação entre seu conteúdo e as representações mais antigas que o inconsciente carrega (questões ligadas à oralidade, as angústias iniciais da falta, sentimento de vazio...). Elas servem como suporte ao sujeito para que este possa se deparar com seus conflitos reconhecidos nas histórias, os quais se encontravam sem forma e sem expressão. Em outras palavras, é a partir do contato com os contos e seus efeitos que conflitos psíquicos são evocados no leitor, ou melhor, há um retorno de materiais reprimidos, desencadeando assim, uma possível elaboração do conteúdo que se encontrava recalcado. Segundo Celso Gutfreind (2019, p. 116):

Ler ou ouvir contos pode significar, então, assim, continuar pensando sobre nós mesmos, no momento em que entramos em contato com sentimentos e conflitos difíceis de serem suportados e que, sem esse filtro da narrativa, poderiam paralisar nossa capacidade associativa ou ainda nos causar sintomas.

Nas narrativas pode-se conter os principais medos que atormentam o sujeito. Grande parte do desejo das crianças em ouvir diversas vezes, repetidamente, alguma história, se dá devido ao prazer que sentem ao ter a sensação de que este medo pode ser enfrentado e dominado.

Reouvindo, recontando, revivendo suas próprias angústias e histórias, as crianças podem construí-las, contá-las e, sobretudo elaborá-las. Assim, os contos oferecem representações para os conteúdos conflituosos, dando nome aos medos.

Evento: XXI Jornada de Extensão

ODS: 3 - Saúde e Bem-estar

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O valor terapêutico das histórias se dá na medida em que a criança consegue trazer em palavras aquilo que até então encontrava-se sem forma. Ao pegar emprestado elementos do enredo por meio de uma identificação com personagens e suas experiências, a criança passa a dar sentido a seus próprios conflitos, sendo possível falar de seus sintomas, dores, angústias e fracassos.

Sendo assim, a intervenção por meio dos contos no âmbito terapêutico além de viabilizar ao sujeito entrar em contato com seus afetos e fantasias, permite, como diria Freud “repetir, recordar e elaborar” as experiências traumáticas.

PALAVRAS-CHAVE

Contos; criança; fantasia.

KEYWORDS

Tales; child; fantasy.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CERVI, Taís. E MAIS UMA VEZ, ERA UMA VEZ: A CRIANÇA E SEU MUNDO DE FAZ DE CONTA. Ijuí, 2006. TCC - Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul.

CORSO, Diana L.; CORSO, Mário. A psicanálise na terra do nunca: Ensaio sobre a fantasia. 1. ed. Porto Alegre: Artmed, 2011. p. 299-304.

FREUD, Sigmund. Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: "Grandiva" de Jensen e outros trabalhos (1906-1908). 1. ed. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 135-143.

GUTFREIND, Celso. O Terapeuta e o Lobo: A utilização do conto na clínica e na escola. 1. ed. Porto Alegre: Artmed, 2019.

Parecer CEUA: nº 2547940 (CAEE: 82699917.1.0000.5322)